

Dois Pontos

TEORIA & PRÁTICA EM EDUCAÇÃO

VOLUME 4 - Nº 32 - MAIO/JUNHO/97

ISSN 0104-6128



IDENTIDADE: Ser e Estar

LEVE E SOLTA

*Filha de Oswald de Andrade, ela não
podia deixar de estar destinada à
poesia e à arte*

por Nye Ribeiro
Repórter

Antonieta Marília de Oswald de Andrade nasceu na cidade de São Paulo, em novembro de 1945, e, desde os seus primeiros anos de vida, conheceu e participou de um ambiente essencialmente intelectual e artístico. Filha de um dos pais do modernismo literário – Oswald de Andrade – e de sua musa, Maria Antonieta d’Alkmin – para quem ele fez um de seus mais belos poemas como pedido de casamento –, a menina Marília parecia já ter seu destino traçado: filha de musa e de poeta, destinada à arte e à poesia.

Seu próprio nome nasceu de uma dedicatória do poeta à sua musa, pois, num exemplar da primeira edição de *Marília de Dirceu*, Oswald escreveu: “Para Maria Antonieta d’Alkmin, minha Marília realizada” (Oswald, 19/03/45). A partir dessa dedicatória, compuseram o nome Antonieta Marília de Oswald de Andrade, com o qual a registraram alguns meses depois.

Quando pequena, seu irmão mais novo, Paulo



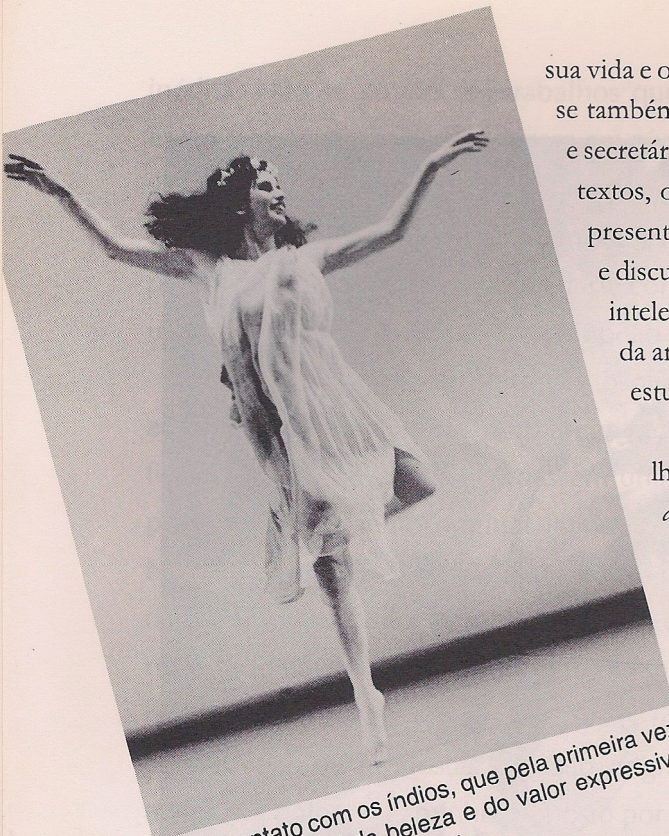
Fotos: Tony Nandi

Antonieta Marília de Oswald de Andrade: “Foi durante a minha estadia no Xingu ...

Marcos, pronunciava o nome Marília como Bayla e este acabou se tornando o seu apelido. Coincidência ou não, Bayla tem a ver com bailar. O fato é que, ao ouvir música, a menina Marília saía rodopiando pela casa toda, demonstrando desde cedo uma grande paixão pela dança. Tendo percebido essa vocação, seus pais a matricularam em uma academia de dança com apenas cinco anos de idade.

Oswald, orgulhoso, era quem a estimulava a dar os seus primeiros passos. Dizia-lhe que deveria dançar como Isadora Duncan, e falava com admiração dessa grande bailarina francesa que dançava descalça, leve e solta, desafiando o estilo clássico de sua época, encantando e escandalizando o grande público. Segundo o relato de suas memórias, Oswald teve um rápido *affair* com a bailarina quando ela esteve no Brasil, em 1916.

Marília lembra-se com saudade das paredes de sua casa com quadros de Miró, De Chirico, Picabia, Tarcila e Di Cavalcanti, que Oswald fora adquirindo durante a



... em contato com os índios, que pela primeira vez me conscientizei da beleza e do valor expressivo dos gestos simples, naturais...



... e espontâneos. Aprendi a importância de esvaziar a mente, aguçar os sentidos, observar as pequenas coisas e escutar o silêncio profundo."

sua vida e os conservara, carregando-os em suas andanças pelo mundo. Lembra-se também de seu pai lendo e escrevendo ao lado de sua mãe – colaboradora e secretária. Os dois passavam horas discutindo idéias, datilografando e revendo textos, organizando os arquivos e a vasta biblioteca. Frequentemente, ele a presenteava com livros – obras literárias de grandes autores –, os quais lia e discutiam juntos. Sua casa era frequentada por artistas, escritores e grandes intelectuais da época. Ouvindo-os dialogar, Marília mergulhava no mundo da arte e da literatura, o que determinou o seu interesse pela leitura, pelos estudos acadêmicos e pela dança como atividade artística.

Carmem Brandão foi sua primeira professora de dança. Ensinava-lhe a técnica clássica, com o uso de sapatilhas de ponta. *Foi com ela que eu aprendi meu primeiro vocabulário de movimentos, começando a desenvolver minha habilidade para executá-los com expressão*, lembra Marília. Em 1951, já participava de um espetáculo de dança, em São Paulo, promovido pela Academia Carmem Brandão, por intermédio do Departamento Municipal de Cultura.

Mas, apesar de ter descoberto tão cedo sua inclinação pela dança, Marília logo percebeu que sua trajetória artística iria exigir muitos sacrifícios e muita perseverança. Com o agravamento dos problemas de saúde de seu pai, foi obrigada a deixar o balé por algum tempo, retomando-o só em 56, após a morte de Oswald de Andrade. Sua nova professora, Maria Olenewa, havia participado do grupo de balé russo de Ana Pavlova. Sob sua severa orientação, Marília foi adquirindo cada vez mais competência na técnica da dança clássica. Mais tarde, Marília continuou seus estudos com a bailarina Marika Gidali. O estúdio, em São Paulo, ficava na famosa esquina da Ipiranga com a Avenida São João. Foi ali que ela se integrou ao grupo “Amigos da Dança”, constituindo uma nova etapa na sua carreira.

Apesar da grande paixão pelo balé, Marília percebia a dificuldade, cada vez maior, de conciliar a dança com os estudos, nos quais se aplicava com a mesma disciplina. No ano de 62, obteve uma bolsa e foi morar e estudar nos Estados Unidos. Em Nova York, com o dinheiro que ganhava trabalhando como *baby sitter*, teve oportunidade de assistir a grandes peças teatrais, uma experiência valiosa na sua formação artística. Ali frequentou aulas avulsas de dança, em nível profissional, em famosas academias.

Retornando ao Brasil, voltou a frequentar o grupo Amigos da Dança. Mas, percebendo a dificuldade de fazer carreira como bailarina, dedicou-se aos estudos, iniciando o curso de Psicologia na Universidade de São Paulo (USP). Mais tarde, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde concluiu sua formação acadêmica. Foi quando nasceram suas três filhas: Mariana, Daniela e Cristiana.

Em 74, após o nascimento de minha terceira filha, sentia uma falta enorme do contato com o universo artístico – conta Marília. Procurei Marika Gidali e, com grande alegria, voltei a calçar as sapatilhas de ponta, integrando-me ao Ballet Stagium.

Iniciava-se, assim, um novo período em sua carreira de bailarina. Em 77, Marília dançou Kuarup com o Ballet Stagium, em teatros de São Paulo e do Rio de Janeiro, e, com esse mesmo espetáculo, participou do programa

cultural da 29ª Reunião Anual da SBPC. O sucesso foi tão grande que o grupo foi convidado pela cineasta Tânia Quaresma para participar de um filme rodado no Parque Nacional do Xingu.

“Esta foi uma experiência muito especial para mim – conta a bailarina. Foi durante a minha estadia no Xingu, em contato com os índios, que pela primeira vez me conscientizei da beleza e do valor expressivo dos gestos simples, naturais e espontâneos. Senti um grande impacto emocional no contato com a natureza preservada e percebi a necessidade de buscar a paz e o equilíbrio para me desenvolver melhor. Aprendi a importância de esvaziar a mente, aguçar os sentidos, observar as pequenas coisas e escutar o silêncio profundo.

A experiência foi tão marcante que, a partir de então, a bailarina percebeu que não era mais a mesma. Em relação à dança, seus valores e atitudes mudaram definitivamente. *Senti que uma revolução se operou em meus conceitos estéticos ao observar as danças que os índios nos apresentaram, como também o próprio espetáculo majestoso que nos deram ao se encaminharem e se posicionarem para assistir às nossas apresentações.* (Cerca de 600 índios assistiam admirados ao espetáculo.)

Marília passou anos estudando balé clássico para descobrir que aquele não era o seu caminho. Sentia necessidade de uma dança mais expressiva, que transmitisse emoções e vivências mais profundas. Passou, então, a pesquisar métodos para a preparação de dançarinos, objetivando o desenvolvimento de sua capacidade criativa e expressiva.

Foi em 1978 que ela teve o seu primeiro contato com Isadora Duncan, no espetáculo *Isadora, Ventos e Vagas*. Foi um momento marcante. Como Oswald de Andrade havia previsto, em vida, as danças de Isadora a conquistaram. *Fiquei definitivamente interessada em aprofundar-me nas propostas duncanianas, não só em nível teórico, como também na prática. Identifiquei-me com seus ideais de movimentos naturais, de fluência livre, e decidi praticar seus ensinamentos com afinco, para desenvolvê-los em meu próprio corpo – comenta Marília.*

A partir desse contato com a dança de Isadora, a bailarina passou a buscar o movimento livre e espontâneo, a popularização do ensino da dança e o ensino da arte para pessoas de diferentes idades e tipos físicos.

Em 79 foi convidada a lecionar no Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUCC (Campinas – SP), e em 81 na Universidade de Campinas (Unicamp). Ali, Marília começou sua luta para implantar o Departamento de Dança da Universidade. Mas, em 84, voltou para Nova York. Dessa vez, seu objetivo era

conhecer um programa de dança na Universidade e realizar pesquisas encomendadas sobre Isadora Duncan. Foi aí que teve contato com uma infinidade de materiais da bailarina: filmes, fotos e documentários.

Marília assistiu a vários espetáculos das discípulas de Isadora e ficou maravilhada com aqueles movimentos livres, extremamente talentosos. Após sete décadas de sua morte é que o mundo começava a compreender sua dança. Para Isadora Duncan, a arte de dançar tinha por objetivo a expressão dos sentimentos mais nobres e profundos da alma humana.

De volta ao Brasil, Marília de Andrade, doutora em Psicologia e diretora do Laboratório de Danças da Unicamp, era também a única pessoa no País que tinha permissão para ensinar as técnicas desenvolvidas por Duncan, incorporando todo o seu estilo e resgatando essa magia para o público.

Após tantos anos de estudo e trabalho, Marília considera a dança essencialmente um meio de comunicação, expressão de idéias e emoções. *Identifico-me com as palavras de Marta Graham: Para compreender a dança naquilo que ela é, torna-se necessário que saibamos de onde ela vem e para onde vai. Vem das profundezas da natureza humana, do inconsciente, onde reside a memória. Assim, ela habita no dançarino. E vai para a experiência do homem, o espectador, despertando memórias semelhantes...*

Hoje, entre suas viagens pelo mundo realizando cursos e pesquisas, Marília se dedica ao ensino da dança no “Espaço Dionísio”, um lugar cercado pela natureza. Sua idéia é que a prática da arte de dançar possa tornar as pessoas mais abertas, fraternas e felizes. *A idealização desse espaço está intimamente ligada à minha imersão no mundo duncaniano e, particularmente, à minha identificação com a proposta de que a dança deve servir para o desenvolvimento de seres humanos mais livres e para expressar aquilo que neles há de mais profundo e verdadeiro.*

Há alguns anos, Marília apresentou as danças de Isadora ao grande público. Para quem, como eu, teve a chance de vê-la dançar – de pés descalços, preenchendo todo espaço com movimentos leves e soltos, combinando expressões faciais e corporais de forma tão singular e alcançando a perfeição de sua arte –, a emoção foi grande!

Esta é Marília: uma mulher madura, no auge de sua carreira e maturidade profissional. Mais do que filha de Oswald (grande poeta e polêmico questionador da época) e de sua musa, Antonieta, Marília de Andrade é a expressão viva da arte de dançar do nosso tempo.